

O TEATRO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: (RES) SIGNIFICAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA¹

Ms. Andrisa Kemel Zanella

Prof. PhD. Valeska Fortes de Oliveira²

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria que teve por objetivo investigar as representações que as acadêmicas do Curso de Pedagogia Diurno, desta Instituição, possuíam em relação ao teatro tanto antes como depois de vivenciarem a linguagem teatral nas disciplinas de Jogo Teatral I e Jogo Teatral II.

A escolha por essa temática originou-se de minhas inquietações ao longo de minha formação no Curso de Artes Cênicas Bacharelado e nas experiências que fui vivenciando a partir do momento em que optei por trabalhar com teatro no contexto educacional. Nessas vivências, percebi que o teatro raramente era considerado um conhecimento, estando associado à montagem de peças e dramatizações teatrais. Ele era visto como um eficaz instrumento para que os alunos desinibidos mostrassem suas habilidades, ou aqueles mais introvertidos perdessem a vergonha de manifestar suas potencialidades, estando associado a um resultado e não a um processo que fazia parte do desenvolvimento do aluno. Mas de onde surgiam essas representações que instituíam essas práticas nas escolas e que eram tão marcantes nos discursos dos professores?

Esse questionamento direcionou meu olhar para a formação de professores, pois acreditava que as representações de teatro encontradas nas escolas vinham do que os professores entendiam acerca do teatro e vivenciaram ao longo de suas trajetórias de vida pessoal e profissional a partir das impressões, marcas, significações que essa experiência deixou na vida dessas pessoas.

Assim, problematizar essa questão foi a “mola propulsora” que me motivou a realizar essa pesquisa que buscou compreender como a vivência teatral, durante o período escolar, influenciou nas representações

¹ Pesquisa financiada pela CAPES.

² Orientadora da pesquisa.

construídas sobre o teatro que as acadêmicas traziam para sua formação, e, como se estabeleceu o movimento de (res) significação dessa representação, após a experimentação teatral ao longo de dois semestres de aula no Curso de Pedagogia da UFSM.

Enfoquei as representações a partir do campo teórico do imaginário, o que me proporcionou trabalhar a partir de um olhar simbólico que envolveu a dimensão cultural e social de cada sujeito, bem como suas emoções, vivências e sonhos. O imaginário que abordo ao longo dessa pesquisa é, segundo Castoriadis (1982, p.13), “criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’”. Esse imaginário está relacionado à significação da prática humana, ou seja, a tudo que está associado à criação e à invenção da sociedade que institui os valores, as formas, as idéias. O homem ao inventar e criar a sociedade cria espaço para o novo, isto é, o que ainda não foi instituído e que através do imaginário radical pode ser feito a partir da imaginação criadora.

Adotar esse viés, nesse estudo, instigou-me a buscar, na subjetividade, os elementos a nortear essa pesquisa de cunho qualitativo, abrindo caminho para trabalhar com “o universo de significados, manifestações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.³ O que importou foi a natureza dos significados das ações e das revelações humanas, através de um caminho que se centrou em trabalhar “com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetivada”.⁴

Ao lançar-me a uma investigação em que se buscou valorizar o universo de significados que permeiam as relações humanas, não se teve a pretensão de estabelecer verdades ou mesmo fazer generalizações a partir de um único contexto, mas ter ciência de que o resultado encontrado é

³ MINAYO, 1994, p.21-22.

⁴ Ibid., p. 24.

fruto de um processo experienciado num determinado espaço delimitado por dois elementos importantes: o tempo e o espaço.

O Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, atualmente traz em sua matriz curricular as disciplinas de Artes Visuais I e II, Educação Musical I e II e Jogo Teatral I e II, proporcionando ao acadêmico um contato de dois semestres com cada linguagem artística. Essa estrutura é recente⁵, pois a vivência com teatro acontecia apenas em um semestre. No entanto, essa separação em três disciplinas distintas não é novidade nesse curso que há mais de 20 anos abandonou a visão polivalente das artes para ter, em seu currículo, as disciplinas de Expressão Dramática, Metodologia da Música e Metodologia das Artes Plásticas, numa abordagem que valorizou cada linguagem numa proposta de trabalho realizada com professores específicos da área.

Vale ressaltar que essa realidade é uma peculiaridade dentre as muitas Instituições de Ensino Superior que existem no Brasil, pois ainda é muito freqüente encontrar nesses espaços uma visão polivalente em relação às artes, reduzindo o contato do acadêmico em Pedagogia a um semestre em que terá teatro, música e artes visuais numa única disciplina.

Nesse panorama que caracteriza a abordagem das artes no Curso de Pedagogia da UFSM é que encontramos a disciplina de Jogo Teatral, foco principal desse estudo. Com a mudança curricular, a disciplina de Expressão Dramática passou a se chamar Jogo Teatral, enfatizando assim o foco que vai unir o Teatro à Educação que é o jogo.

Atualmente ela é dividida em dois semestres, num total de 90h, apresentando uma proposta de trabalho direcionado às diferentes abordagens do jogo teatral na educação, contemplando concepções teóricas, vivência com jogos, improvisação e também criação de cenas, numa experiência prática. Julgo fundamental relatar que essa disciplina, por mais que siga um programa pré-estabelecido, a cada semestre, encontramos especificidades na maneira que são trabalhados os jogos, pois se apóia, principalmente, nos saberes e experiências dos acadêmicos em relação ao teatro, valorizando as potencialidades e criatividade de cada ser

⁵ Foi implementada no ano de 2007 em função da mudança curricular no Curso de Pedagogia.

humano, respeitando sua maneira de se expressar, isto é, ser, agir e estar no espaço formativo.

O teatro quando inserido no contexto educacional propicia o desenvolvimento do aluno em sua totalidade, ou seja, corporal, vocal, cognitiva, afetiva. Abre as cortinas para outras relações, que acabam por denunciar um sistema em que o controle e o poder são os portadores da verdade, quebrando a ordem e regras estabelecidas para criar outra lógica à realidade presente.

Na relação autoritária, a regra é percebida como lei. Na instituição lúdica, a regra do jogo pressupõe o processo de interação. O sentido de cooperação leva ao declínio do misticismo da regra quando ela não aparece como lei exterior, mas uma decisão livre porque mutuamente consentida. Cooperação e respeito mútuo são formas de equilíbrio ideais que só se realizam através do conflito e exercício da democracia (SPOLIN, 2004, p. 11).

Essa inserção do teatro na educação acontece a partir do jogo. É através dele que o ser humano consegue manifestar-se espontaneamente, dando vazão a sua imaginação e criatividade. Esse processo acontece no aqui-agora, durante o desenvolvimento do jogo. Nessa vivência em que o sujeito passa a ser jogador, não se espera um resultado, muito menos exaltar o certo ou o errado, mas a experiência do momento, o que se passa, o que acontece, o que toca (BONDÍA, 2002, p.21). *"Isso é bem legal da aula de teatro, geralmente as atividades começam de um jeito, a proposta é uma, mas a gente tem essa liberdade de ir criando". (B.L)*

O teatro com significados educacionais, dirigido para uma prática dramática transformadora, social e teatralmente, não deve se distanciar da verdade que é ser o teatro um produto de nossa imaginação poética.

(...) Teatro não é giz nem quadro-negro. Ele é jogo dramático que abre uma perspectiva de educação para quem o faz e quem o assiste. Por ele flagramos a realidade e podemos chegar a compreender que ele é um universo tão versátil como nós, atuantes de uma história que se desenvolve lentamente em todos os níveis de demonstração da vida humana. Nele vemos o universo reinventado como uma nova carga de emoção (LOPES, 1989, p.23).

Existem duas abordagens quanto ao jogo na educação: o jogo dramático que traz uma visão mais contextualista, em que vê no jogo a possibilidade de utilizá-lo como instrumento para auxiliar no ensino e na aprendizagem de outras disciplinas e o jogo teatral, visão essencialista, que acredita que a arte e o fazer artístico se sustentam por si e é uma forma de conhecimento.

Segundo Olga Reverbel, “ambos significam a mesma coisa”⁶. É partindo dessa visão, que trago a terminologia “jogo dramático e/ou teatral”. Uma vez que acredito que a questão não está em diferenciar os fins que o jogo está sendo utilizado, mas reconhecer que tanto o jogo como instrumento para auxiliar a ensinagem⁷ quanto como fazer artístico são oportunidades do sujeito experienciar a linguagem teatral. O teatro é um conhecimento, conhecimento do ser humano e do mundo cultural e histórico. Assim como a arte, articula o teórico e o prático no decorrer da atividade criadora.

Segundo Japiassu (2007, p. 140),

⁶ Resposta dada por Olga Reverbel no dia 31/03/03, quando foi perguntado em uma defesa de dissertação no Curso de Mestrado em Educação/PPGE/CE/UFSM, sobre a diferença entre jogo dramático e jogo teatral.

⁷ Esse termo inicialmente explicitado por Léa das Graças Camargo Anastasiou, na pesquisa de doutorado intitulada “Metodologia do ensino superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica”, é adotado “para significar uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos a condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento, necessário à formação do aluno durante o cursar da graduação”. (ANASTASIOU, 2004, p. 15)

a *dimensão teórica* abrange a *abstração generalizante*, a *planificação*, a *intencionalidade* do *fazer/trabalhar/construir* artístico, a *reflexão na ação* criadora, a *reflexão sobre a ação* criadora, a *imaginação*, o saber *metacognitivo*. A *dimensão prática* traduz-se na *ascensão do abstrato ao concreto*, pela fluência em determinadas técnicas, pelo *domínio de um certo saber-fazer artístico*.

Para que essa proposta se concretize, é necessário romper com a formalidade conhecida de uma sala de aula, deixando de lado uma metodologia de trabalho tradicional⁸, para trazer uma outra proposta de aprendizado, alicerçada no conhecimento de cada aluno e sua experimentação durante as aulas.

Esse direcionamento encontrado pelas acadêmicas na disciplina de Jogo Teatral I, causou diversas reações como a de B.L que considera "*as aulas de teatro uma coisa bem incomum. É uma coisa que a gente não é acostumado assim, aquela aula com o professor na frente e a gente sentado né.*"

Porém, essa proposta que extravasa o conhecido, acontece com pessoas que estão dispostas a abandonar suas amarras e experimentar o desconhecido, ou então o que estava adormecido por nunca ter surgido o espaço para que isso acontecesse. Nesse encaminhamento, "*criar, inventar, quebrar, rir, chorar, enfim tudo é permitido.*" (L.B), desde que haja um comprometimento e respeito entre aluno – professor – espaço – experiência educativa.

L.B que vivenciou nesse contexto acredita que as pessoas que não estão abertas "*as possibilidades e acontecimentos que a vida apresenta, logo, não estarão abertas aos movimentos e intensidades que ocorrerão na sala de aula*". Para ela, essas atitudes são fortalecedoras de um "*ensino de adestramento super tradicional*". No entanto, na sua opinião, quem se

⁸ Tradicional na perspectiva de que o professor transmite e o aluno aprende, de que o professor é superior ao aluno, apenas os conteúdos científicos são a base para uma prática profissional, deixando de lado os saberes pessoais e experienciais.

liberta das amarras de um ensino formal, *"provavelmente (...) irá propor atividades significativas e espontâneas"* do interesse de cada estudante.

Para que aconteça essa entrega e liberdade das acadêmicas durante as aulas é necessário o professor estar aberto às interações que acontecem naquele espaço. Ele não apenas está nesse contexto como um mero espectador, mas um ator que atua juntamente com seus alunos, joga, ri, movimenta-se, explora, estimula entre tantas outras possibilidades que o jogo propicia. *"Acho que é importante um professor que também está fazendo e participando dos jogos e das aulas, não sendo apenas um instrumento e sim mais um elemento compondo uma paisagem dentro da sala de aula ou fora."* (L.B) Para L.B o que diferencia o aluno do professor são "os anos a mais de vivência e conhecimento que eles poderão trocar juntos".

O objetivo do jogo dramático é propiciar o desenvolvimento da totalidade da pessoa, seja no campo físico, seja no campo emocional. A base do jogo está centrada na improvisação de ações executadas pelos jogadores. (...) O elemento base do jogo dramático é o jogo do faz-de-conta, que propicia aos indivíduos uma melhor percepção do ambiente em que estão inseridos, ou seja, faz eles perceberem a realidade que os cerca. (NUNES, 2003, p. 32-33)

As aulas de Jogo Teatral propiciaram às acadêmicas uma vivência alicerçada no jogo, numa proposta que as incitou a jogar, explorar seu corpo, reviver o jogo de faz-de-conta, trabalhar com a liberdade, expressividade, imaginação e criatividade, que as colocaram como protagonistas desse contexto, sendo criadoras e agentes de sua própria formação. Nesse processo, abriu-se espaço para extrapolar o conhecido, descobrindo assim, outras possibilidades a serem exploradas. *"Uma coisa muito interessante nas aulas de teatro é que a gente extrapola bastante*

(...) eu tinha vontade de ir pra aula de teatro(...) eu ia pra aula pra me divertir mesmo” (B.L)

Para Gil (1999, p.47-48)

chama-se ação o processo que se *cria* a partir do resultado que deve ser alcançado, quer dizer, que se cria em relação aos fins conscientes. As ações são adquiridas através da experiência do sujeito. A energia de toda ação é de natureza afetiva (necessidades e satisfações); a estrutura da ação é de natureza cognitiva. A atividade humana não existe de outro modo sem ser em forma de ações criativas, a aprendizagem, nas ações de aprendizagem, a comunicação, nas ações de comunicação. A atividade representa, por fim, um processo que se caracteriza por transformações permanentes na realidade.

O agir levou as acadêmicas a transformarem a realidade em que estavam inseridas. A distância que, no início do semestre, separava-as em função das diferenças de cada uma, aos poucos foi unindo-as. Outros diálogos foram sendo estabelecidos e, pela ação, criou-se uma relação. Para L.B, *“essa foi a única disciplina que se olhava no olho, se conseguia comunicar”*. Essa interação tocava tão fundo no interior de cada sujeito, gerando um cuidado que estimulava o outro a participar e também lançar-se ao desconhecido, explorando outras possibilidades corporais e vocais, levando-o a se conhecer, criar e descobrir potencialidades até então escondidas. O que distanciava agora agregava e fazia com que cada um aceitasse o outro como ele era numa relação mútua de respeito. *“Legal da gente vê como cada um tem uma forma diferente de representa né!” (A.B)*

O teatro proporciona trabalhar com a individualidade de cada ser humano, respeitando seu ritmo, suas características, suas idéias, numa proposta que valoriza cada manifestação como fundamental para o desenvolvimento de uma experiência educativa que o envolva em sua

totalidade. Essa possibilidade chamou a atenção de B.L que gostava do respeito que havia nas aulas de Jogo Teatral

"vocês (professora e pesquisadora) respeitavam o nosso tempo, (...), vocês respeitavam bastante isso em relação a nós na aula. (...) Isso eu achei muito bom (...) aqui dentro da faculdade eu vejo muito o discurso dos professores, eles falam uma coisa e fazem outras (...) aqui não, vocês falam do tempo e respeitam de fato esse tempo da gente".

Por mais que hoje haja todo um discurso que incentive trabalhar com atividades que estimulem o aluno a "ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem." (REVERBEL, 1989, p.36) ainda estamos inseridos num sistema que disciplina os corpos para agirem na imobilidade, no silêncio, no racional. Assim, quando há um rompimento dessa estrutura a que estamos acostumados a conviver, reações de incômodo surgem para denunciar algo que está atrapalhando. Para L.B *"a escola acomoda os corpos (...) a inovação, o diferente incomoda, atrapalha a ordem já estabelecida e fixada através de normas, regras, ..."*

Quando corpos falantes rompem o silêncio e derrubam os limites impostos pelas paredes de uma instituição, há uma (res) significação de um cenário até então sombrio, silencioso, enigmático. Risos, barulhos, conversas, gritos, correria, movimentos passam a colorir corredores tão acinzentados. Essas manifestações incomodam muitos que não admitem viver uma outra dimensão, naquele espaço, mas também, atraem curiosos que logo se agrupam para vivenciar uma outra experiência.

Para I.R, os risos foram marcantes, gerando uma reflexão acerca da possibilidade de dar espaço para as risadas e também toda a corporeidade do aluno na sala de aula e no seu processo de aprendizagem. Ainda prevalece a idéia de que se aprende no silêncio e quanto mais o ser humano internaliza isso, mais vemos corpos serem modelados e programados tais

como robôs, todos no mesmo ritmo e agindo da mesma maneira. A disciplina de Jogo Teatral proporcionou quebrar um pouco essa rigidez para proporcionar certo elemento conhecido como “diferente”, não buscando julgar, condenar ou mesmo ditar o que é certo ou errado, mas proporcionar a experiência com essa linguagem artística.

A experiência não aconteceu somente na vivência de jogos, mas também a partir da apreciação estética, em que as acadêmicas tiveram a oportunidade de assistir peças teatrais, conversar com os atores e diretores e também observar as reações das crianças diante de um espetáculo infantil. Tudo isso proporcionou o contato com a arte a partir da vivência estética, numa perspectiva que extrapolou a idéia que reduz a estética somente ao sentimento do agradável, ao prazer pela obra de arte, isto é, a um sentimento imediato de prazer e alegria (VIGOTSKI, 2004) para tocar o indivíduo verdadeiramente, suscitando uma infinidade de emoções e sensações.

Essa proposta possibilitou à turma que estava cursando Jogo Teatral experimentar o teatro pelo viés da compreensão artística, num processo que abarcou também a percepção dos alunos.

A arte é julgamento nosso, a interpretação com meios estéticos peculiares desses aspectos da vida e atividade humana, a apresentação desses aspectos às pessoas para fazê-las viver esses problemas, aceitar ou rechaçar a interpretação que o artista dá do sentido da vida. (ELKONIN, 1998, p.20)

Assistir a um espetáculo teatral levou L.B a refletir e a expor suas impressões em relação à vivência estética durante a disciplina.

"Foi uma peça genial apesar de sentir que algo mais engraçado poderia ter dado fim ao espetáculo, mas tudo foi lindo. Por vezes me senti criança novamente,

ainda mais sentada no chão em frente aos atores. Senti que o riso contagiou toda a platéia, que além das crianças presentes, em algum momento todos puderam deixar de lado as formalidades que impõem em nossas vidas e rir, rir como uma criança, simplesmente rir, morrer rindo!” (L.B)

Para Japiassu (2001, p.30)

O teatro e as artes (...) são concebidos como *linguagens*, como *sistemas semióticos de representação* especificamente humanos. Trata-se, dessa perspectiva, de estudar a complexidade das linguagens artísticas e suas especificidades estético-comunicacionais como sistemas arbitrários e convencionais de signos. Destaca-se a necessidade de apropriação do aluno das linguagens artísticas – instrumentos poderosos de comunicação, leitura e compreensão da realidade humana. O objetivo (...) não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores.

L.B gostou muito dessa oportunidade de sair do espaço formativo e vivenciar o teatro por um outro viés, isto é, assistindo a peças teatrais.

"Gostaria de expressar o quanto foi bom, importante, produtivo, pelo menos para mim, a disciplina propiciar aos alunos estas 'saídas' do nosso nicho chamado

Centro de Educação e ver coisas diferentes, que aqui dentro não são vistas, viajar pelo ainda não viável”.

Todo esse processo de vivência através do teatro foi elemento relevante a contribuir e a valorizar a formação cultural dos sujeitos da pesquisa ao longo de sua trajetória de vida e na disciplina de Jogo Teatral. Para Gil (1999, p.56)

a educação, (...), é um momento institucional marcado do processo cultural. Portanto, não existe cultura sem a idéia de formação. BOSI conclui que o termo cultura, na sua forma substantiva aplica-se tanto às lidas do campo, quanto ao trabalho entre seres humanos desde à infância.

Acredito que o teatro na formação de professores promoveu a valorização, mas também a formação cultural das acadêmicas ao propor um trabalho que não esteve voltado apenas para o universo formativo, mas para as diversas manifestações culturais que envolvem o sujeito em todos os aspectos de sua vida. Isso tudo foi possível, pois estamos falando de uma linguagem artística que é conhecimento, não um conhecimento estático, mas em constante construção a partir das manifestações humanas. O teatro não é

saber acumulado pela humanidade, no qual são ordenadas nossas experiências sensoriais. Não se trata de um mundo artístico reconhecido através de fatos e relações interfatuais, como descreve a concepção científica (...) O teatro não é um conhecimento estático, onde são formuladas leis permanentes e imutáveis. O conhecimento no teatro se coloca como

uma manifestação artística condicionada por múltiplos aspectos da vida de homens determinados (GIL, 1999, p. 9-10).

"Viajar, criar, imaginar, sentir, agir, entre outras coisas mais, isso tudo pensado do seu modo, da maneira como você queria, sendo você mesma, extrapolar o ainda não extrapolado, inventar à sua maneira outras possibilidades de viver" (L.B), tudo isso são manifestações que significam uma experiência teatral e criam esse movimento que faz do teatro uma linguagem em constante transformação.

A construção de conhecimento aconteceu também a partir de uma situação prática, em que as acadêmicas puderam experienciar jogos criados por elas, efetivando assim, um espaço em que se criou um ambiente propício para que a turma participasse dos jogos. Por meio desse contato, elas experienciavam cada elemento que está relacionado a uma prática com jogos, concretizando a construção do seu conhecimento teatral a partir do vivido e das suas impressões e reflexões sobre essa prática. Dessa maneira, foi possível presenciar a união entre o discurso e a prática, proporcionando um aprendizado que ultrapassava apenas o mental (o racional) para englobar o corporal e afetivo: os sentidos, a memória, o imaginário, o humano, numa abordagem que valorizou os referenciais pessoais de cada ser humano, a partir do conhecimento de si, do outro e da realidade a sua volta.

Esse direcionamento enfatizou um trabalho que se embasou na experiência e reflexão sobre ela, numa perspectiva auto-formativa, em que "o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais" (JOSSO, 2002, p.11). Ou seja, as alunas tinham a oportunidade de criar, vivenciar e refletir sobre o criado e o vivido. Tal proposta tinha por objetivo possibilitar às acadêmicas uma diversidade metodológica, envolvendo jogos para posteriormente construir uma metodologia própria de trabalho baseado na experimentação e reflexão dessa experiência.

Para I.R,

"quando a gente tava fazendo (os jogos), eu fiquei com uma grande expectativa quanto a ele (...) eu votei pra gente fazer esse porque parecia que tinha sido bem legal sabe (...) e daí depois tudo aquilo durante o momento que ele tava ocorrendo, como foi a execução dele e depois trazer isso também foi legal (...) eu lembro de que eu comecei a pensar realmente no que ela (professora) tava dizendo, que eram coisas que a gente não tinha estabelecido (...) é difícil a gente fazer uma coisa que não tenha vivenciado antes, a gente não tinha feito o jogo nós inventamos e não jogamos nenhum deles, então foi feito do jeito que a gente foi dizendo né, então quanta coisa tu fazendo pra ti depois retirar e saber assim, não isso não sei, acho que não é legal, ou fazer assim ou fazer assado. Então eu acho que essa parte é bem legal por isso."

Esses jogos proporcionaram à turma vivenciar uma outra realidade até então não explorada. De jogadoras passaram a ministrar os jogos e lidar com elementos como o inesperado, ao ver a proposta que elaboraram sendo modificada pelas colegas que se empolgaram com os jogos. Essa empolgação tomou uma outra dimensão durante a aula de Jogo Teatral, levando a turma romper as fronteiras do até então imaginado. Quando menos se esperava não havia mais jogadoras e ministrantes, todas estavam mergulhadas no jogo, numa brincadeira sem limites. Nessa viagem, foi possível superar até situações que deixaram marcas profundas na infância. *"Não sei se é porque eu nunca ganhava nenhum jogo, nenhuma brincadeira no colégio, nas aulas (de Jogo Teatral) eu me emocionava, porque eu geralmente ganhava, era uma criança grande"* (B.L).

Nesse processo de jogo, a observação também foi um elemento explorado e que se revelou muito importante quando se trata do quesito de perceber o outro. *"Pude perceber o quanto foi importante observar minhas colegas durante a aula, enxergar cada uma nas suas particularidades..."*

caras, sentidos, medos, desejos, desgostos...” (L.B). Ao longo do semestre, em nenhum momento, teve-se a finalidade de produzir produtos acabados ou mesmo pré-determinados, mas proporcionar um enriquecimento dos meios de expressão das acadêmicas.

Desenvolver um trabalho com jogos foi uma maneira de estar disponibilizando ao indivíduo espaço para que ele vivenciasse a sua criatividade e imaginação, num processo em que pôde transformar e modificar a realidade, expressar-se livremente, improvisar conforme suas vontades e necessidades. Através do jogo, as futuras professoras puderam descobrir-se como criadoras, superando a mecanicidade de muitas atitudes, quebrando com convenções estabelecidas para encontrar a autenticidade e expressividade do ser, saber e fazer no contexto formativo. O teatro, na formação inicial de professores, ao trabalhar com uma proposta alicerçada nos “jogos dramáticos e/ou teatrais”, propiciou às acadêmicas do Curso de Pedagogia “ser o artesão de sua própria educação, produzindo-se a si mesmo” (KOUDELA, 2007, p.24).

Esses sujeitos com histórias de vida tão diferentes, na disciplina se encontraram e, a partir de uma experiência, muito compartilharam saberes e representações. O imaginário instituído em relação ao teatro e que era responsável por representações tão marcantes aos poucos foi sendo (res) significado para dar lugar a uma nova possibilidade. Atrevo-me a dizer que daquele grupo emergiu um outro imaginário que os impulsionou enquanto indivíduos e grupo, funcionando como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas, (MACHADO DA SILVA, 2006) rompendo um instituído para um instituinte acontecer.

Quando as acadêmicas se depararam com as disciplinas de Jogo Teatral, logo vieram as representações em relação ao teatro a partir do que vivenciaram ao longo de suas histórias de vida. Representações essas que criaram expectativas ou medos em relação ao que iriam experienciar no Curso. Levar em consideração esses referenciais prévios proporcionou compreender o sentido de cada manifestação nas primeiras aulas, bem como vê-las como sujeitos singulares que vieram de contextos e viveram experiências diferenciadas. Olhar nessa direção significou ver a heterogeneidade da turma, e nas suas diferenças, um trabalho que valorizou os saberes de cada pessoa.

Acredito que essa abordagem possibilitou perceber as atitudes que algumas acadêmicas demonstraram no início do semestre. Não podemos esquecer que as experiências anteriores nem sempre são positivas e que podem ter causado marcas profundas que foram as responsáveis pela resistência inicial em relação à proposta de trabalho. Assim, ter realizado um processo que respeitou cada aluna, estimulando-a a participar e, progressivamente, ir ingressando na proposta, foi fundamental para o encadeamento dessa pesquisa.

Considerar os saberes experienciais como repertório para construir uma proposta a ser vivenciada na disciplina significou não querer desconstruir tudo que havia sido vivenciado até então, muito menos, menosprezar as representações anteriores em relação ao teatro, mas mobilizar os alunos, para, através da experimentação com a linguagem teatral, refletirem, questionarem, problematizarem tudo que haviam vivenciado até então.

Nesse processo, pude visualizar o movimento de corpos que, no início tímidos, participavam muito desconfiados, mas que, no decorrer de cada aula, foram se soltando, disponibilizando-se aos jogos, ousando, explorando e descobrindo outras possibilidades num espaço marcado por risos, barulhos e muita alegria. A vontade e a espontaneidade de uma integrante do grupo, logo era motivo para contagiar todas, e, assim, a turma foi se integrando, numa relação de cumplicidade, coletividade e solidariedade de umas para com as outras.

A separação entre professor que transmite os conhecimentos e aluno que aprende, não existiu. Havia um aprendizado mútuo que se concretizava nos jogos vivenciados e criados pela turma. Juntas experienciaram e romperam com as paredes da sala de aula para realizar a formação em outros espaços, interagindo com diferentes pessoas, considerando os fatos cotidianos como elementos muito necessários para fazer parte desse processo de construção e experimentação.

Nesse cenário, não houve quem, por algum momento, não se deixasse envolver por essa proposta, pois tudo era muito diferente do que estavam acostumadas a encontrar no Curso de Pedagogia. As acadêmicas criavam e colocavam regras em prática, isto é, tinham voz ativa, sendo as maiores protagonistas desse espetáculo. Nesse encaminhamento,

quebraram as convenções de tempo e espaço ao se envolverem completamente e desejarem continuar vivenciando aquele processo, mesmo com a carga horária da disciplina cumprida.

Teatro, no espaço de formação e na escola, significa respeitar o limite e o tempo do outro, perceber que somos diferentes e que cada um, na sua individualidade, manifesta-se de diversas maneiras ao que é proposto. Conhecendo-nos através de jogos corporais, identificando nossos limites e também habilidades, aprendemos a nos compreender e a compreender o outro.

Romper a uniformização, a imobilidade, a dualidade do certo / errado para explorar um universo de criação, imaginação, improvisação, foram alguns elementos trabalhados nas aulas de teatro. Este oportuniza ao professor vivenciar, criar, trabalhar o coletivo, e também o individual, a sua imaginação, o imprevisto e inesperado, compreender um processo. Acredito que ainda é muito presente o aprendizado proposto de forma estática, ouvindo um professor, causando mal-estar, quando os futuros professores, têm que deixar de ser receptores de informações para compartilhar seu conhecimento com os colegas. É necessário desconstruirmos esse corpo “robô”, para dar espaço para o humano, o conhecimento de si, do outro. Relação eu comigo mesmo, eu e o outro, eu e o objeto, outro e o objeto.

Acredito que as aulas de teatro proporcionaram às acadêmicas verem-se como criadoras. Todos somos capazes de transformar e (res) significar um jogo a partir de nossas vivências, da nossa bagagem cultural. A disciplina de Jogo Teatral tentou transformar o ambiente de formação, rompendo com as limitações de tempo e espaço, bem como relações de autoritarismo e poder ao colocar em foco os conhecimentos e vivências das futuras professoras.

Ao dar espaço à corporeidade e à liberdade de expressão na formação, acredito que se abre espaço ao novo e ao inesperado. O teatro construiu um espaço propício para a criatividade, transformação e imaginação no ambiente formativo. O que está por trás das classes, do quadro, dos conteúdos são pessoas humanas. Considerando que somos humanos, devemos trabalhar não apenas uma formação que prepara o professor para estimular o aluno a se preparar para um futuro longínquo,

mas também, para que aprenda expressar-se corporalmente e emocionalmente e se prepare para viver o momento, o tempo presente.

Diante desse contexto, as representações foram sendo (res) significadas. Antes, o teatro, para as acadêmicas, sujeitos dessa pesquisa, eram peças teatrais apresentadas em datas festivas nas escolas. Essa representação foi construída a partir do que vivenciaram durante sua escolarização. Valorizar essa significação foi o ponto chave dessa pesquisa, pois, para (res) significar algo, foi necessário apoiar-se num repertório prévio, não o julgando como sendo certo ou errado, mas como elemento existente de uma trajetória vivida. Ter como aporte teórico o imaginário proporcionou-me olhar o contexto simbólico que permeou cada momento desse estudo, abrangendo assim uma série de manifestações que não são reveladas com palavras, mas gestos, atitudes e sentimentos.

Acredito que houve essa (res) significação porque as acadêmicas vivenciaram intensamente a linguagem teatral, estando abertas as diversas possibilidades que surgiam a cada aula. A formação foi marcada pela construção do conhecimento que aconteceu numa parceria entre professora e alunas, num espaço de dialogicidade e interação, em que todas foram elementos fundamentais e necessários para que isso se concretizasse. A partir da vivência com jogos, as alunas foram experienciando maneiras de trabalhar o teatro no contexto educacional, construindo, a partir dessa prática e de suas impressões, uma metodologia de trabalho própria, apresentada no final das disciplinas.

Percebi que as aulas da disciplina de Jogo Teatral I e II, proporcionaram um outro ambiente, (res) significaram o espaço universitário ao dar liberdade para os sujeitos manifestarem-se livremente. As acadêmicas, ao longo do trabalho, foram participando e vivenciando outras possibilidades de saber e fazer a educação. Pela primeira vez, muitas entraram num teatro para assistir a um espetáculo teatral, deixaram de ser tão rigorosas quanto ao horário e o espaço para ouvir o que tinham vontade de fazer e então, interagir com outras pessoas ao sair do laboratório de teatro e deixar suas marcas pelo Centro de Educação.

Através das falas das acadêmicas, pude perceber as contribuições que as disciplinas de Jogo Teatral I e Jogo Teatral II proporcionaram à formação de professores. No entanto, faz-se necessário ressaltar que o

teatro no contexto educacional não pode ser visto apenas como um instrumento para resolver todos os problemas educacionais, mas como um conhecimento construído pelas experiências humanas que proporcionou, nessa pesquisa, oportunidades das acadêmicas experimentarem outras possibilidades no espaço formativo, numa experiência que enfocou o desenvolvimento pessoal, a exploração e a descoberta de habilidades até então desconhecidas.

Acredito que todo esse processo que vivenciei juntamente com essa turma criou espaço para o teatro ser trabalhado nas escolas posteriormente. Digo isso, pois experienciaram a formação pela valorização de suas potencialidades e saberes, estimulando-as a quererem proporcionar isso ao seus futuros alunos, como já mencionado anteriormente.

Acompanhar as disciplinas de Jogo Teatral I e Jogo Teatral II proporcionou-me perceber como a vivência no Curso de Pedagogia desacomodou corpos que provocados através de uma prática que trouxe outras possibilidades de trabalhar o teatro no contexto educacional, direcionou a um processo de reflexão e (re)significação de representações construídas ao longo de uma trajetória de vida. Estar inserida nesse contexto possibilitou-me visualizar as transformações ocorridas em torno das representações que os sujeitos da pesquisa apresentavam sobre o teatro antes da disciplina, bem como perceber as contribuições que a experiência teatral trouxe à formação de professores.

O contato das acadêmicas, com a linguagem teatral, modificou muito as representações em relação ao teatro, mas, acima de tudo encaminhou-as a uma reflexão e questionamento constante de suas práticas. Acredito que tudo que vivenciei e pude construir ao longo desse trabalho foram resultados de uma turma que me abraçou e, juntamente comigo, idealizou essa pesquisa que foi muito significativa para minha formação pessoal e também profissional.

A minha inserção nessa disciplina trouxe a possibilidade de rompimento do imaginário constituído por mim enquanto observadora, no momento que vivenciei e construí outros referenciais a partir da minha interação com as acadêmicas no espaço formativo. Não há palavras para simbolizar tudo o que vivenciei ao longo de dois anos de pesquisa. O que posso dizer é que realmente vivi. Vivi intensamente cada olhar, movimento,

gesto, riso, expressões humanas que me fizeram descobrir a minha essência como pessoa e também profissional. Nessa trajetória, não houve como não me deixar envolver por um processo que mexeu completamente com minhas representações, levando-me a desconstruir para construir outras significações num espaço aparentemente tão rígido, mas repleto de possibilidades a ser exploradas.

Dessa maneira, vejo essa pesquisa em sua complexidade, mas também na sua singularidade. Fomos, pesquisadora, sujeitos e professora da disciplina, envolvidas por um processo que nos desequilibrou de nossas bases conhecidas, ensinando-nos que em calçadas irregulares, também é possível caminhar e realizar inúmeras construções.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (orgs.) **Processos de Ensinagem na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3ª ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. nº 19, jan/fev/mar/abr, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do Jogo**. tr. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIL. João Pedro de Alcântara. **Para além do jogo**. Santa Maria, RS. 1999.
(Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. São Paulo:
Papirus, 2001.

_____. **A linguagem teatral na escola**: pesquisa, docência e prática
pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. tr. José
Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Educa, 2002.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva,
2001.

_____. Introdução: A escola alegre. In: SPOLIN Viola. **Jogos Teatrais na
Escola**: um manual para o professor. tr. Ingrid Dormien Koudela. São
Paulo: Perspectiva, 2007.

LOPES, Joana. **Pega Teatro**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **As Tecnologias do Imaginário**. 2ª ed.
Porto Alegre: Sulinas, 2006.

MINAYO, Maria Cecília. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.
In: Minayo, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e
criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NUNES, Lúcia de Fátima Royes. **Álbum de família:** História de vida de Olga Reverbel. Santa Maria, RS. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola.** Série: Pensamento e Ação no Magistério. Porto Alegre. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor.** tr. Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semevitch. **Psicologia Pedagógica.** tr. Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.